

Bancos centrais discutem a dívida externa

- 7 MAI 1984

por Milton Coelho da Graça de Nova York

a dívida externa

por Milton Coelho da Graça de Nova York

Durante três dias, a partir deste domingo à noite, cerca de vinte presidentes de bancos centrais estarão reunidos a portas fechadas em Nova York para discutir a crise da dívida externa dos países em desenvolvimento com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, o futuro presidente do Banco de Compensações Internacionais, da Basileia, Suíça, Alexandre Lamfalussy, e representantes dos maiores bancos comerciais do mundo.

O anfitrião e organizador desta reunião das maiores estrelas das finanças internacionais é o presidente do Federal Reserve Bank do Estado de Nova York, Anthony Salomon, e essa é a única pista que esclarece um pouco os motivos da reunião, cuja agenda anunciada revela apenas, vagamente, que serão discutidas medidas "concretas e práticas" que ajudem os países devedores a mantêm o desenvolvimento de suas economias.

Salomon é o segundo homem em importância no sistema de controle financeiro dos Estados Unidos, logo abaixo de Paul Volcker, presidente do Federal Reserve Board (banco central americano), que também estará presente. Salomon é uma importante figura nos meios bancários e governamentais há mais de quarenta anos, tendo sido inclusive subsecretário do Tesouro para Assuntos Monetários. Suas idéias sobre a crise da dívida foram expostas recentemente na revista

(Continua na página 2)

O Brasil não enviará representantes para acompanhar a reunião dos bancos centrais em Nova York. A informação foi dada pelo Banco Central, ao ser consultado por este jornal na sexta-feira.

Dívida externa Bancos centrais...

por Milton Coelho da Graça
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

do seu próprio banco e, basicamente, Salomon acha que os países devedores só têm duas alternativas para enfrentar a falta de financiamento externo e terão de perseguir ambas: eles terão de obter fundos através de outros canais que não sejam os bancos comerciais e terão de cuidar de suas economias de forma que sejam menos dependentes de recursos do exterior.

Salomon propõe que os países devedores melhoram sua administração financeira e façam reformas em três grandes áreas de sua política econômica: a do balanço de pagamentos (com taxas realistas de câmbio e também de juros, para evitar a fuga de capital), a do orçamento público e a do sistema de preços internos. E Salomon quer uma participação maior do FMI no acompanhamento dessas reformas, chegando a sugerir que o acesso aos recursos do Fundo seja facilitado aos países que voluntariamente aceitarem uma "relação continua" com a instituição internacional.

Uma outra pista sobre os objetivos da reunião foi dada, sexta-feira, pelo economista-jornalista Leonard Silk no The New York Times. Silk diz que o maior especialista internacional do Fed, Henry Wallich, vai propor na reunião que os bancos credores aceitem dividir em duas partes os juros sobre a dívida dos países em desenvolvimento: uma referente à inflação do dólar (que anda por volta de 4%) e a outra que seria a do juro real. Os países continuariam a pagar regularmente apenas o juro real, enquanto o componente inflacionário seria capitalizado.

Além disso, Wallich também proporia um sistema de garantia para os empréstimos aos países em desenvolvimento. O sistema precisaria de um "anjo externo temporário", que seriam os governos, porque, segundo Wallich, os bancos comerciais não têm condições de montar sozinhos um seguro adequado.

Várias fontes bancárias ouvidas por este jornal concordam em que a reunião convocada por Salomon é indicativa da preocupação dos bancos centrais com a vulnerabilidade de alguns grandes bancos comerciais, que têm uma alta percentagem de seus ativos nos países em desenvolvimento. Alguns economistas falam claramente em risco de insolvência, especialmente depois que a Argentina "endureceu" as negociações com o FMI.

Uma dessas fontes revelou que a Venezuela está usando um grande banco de investimentos americano como seu consultor nas negociações com os bancos comerciais. Esse banco de investimentos (que não tem um tostão de empréstimos em nenhum país devedor) tem aconselhado a Venezuela a manter o impasse, recusando-se a negociar com o FMI.